



Carlos Arnaldo

FECUNDIDADE E SEUS DETERMINANTES PRÓXIMOS EM MOÇAMBIQUE

Uma análise dos níveis, tendências, diferenciais
e variação regional



Texto Editores
www.textoeditores.com

PREFÁCIO

Qual é o nível de conhecimento sobre a fecundidade da população em Moçambique? Que factores determinam, directa ou indirectamente, os níveis e as tendências da fecundidade da população moçambicana? Entre a nupcialidade, a infertilidade pós-parto, a esterilidade e a contracção, como é que estes determinantes concorrem para que a redução sustentável da fecundidade tarde a generalizar-se a todo o País? Como se diferencia a fecundidade nas principais regiões do País?

Estas questões, entre várias outras, constituíram o móbil da investigação de Carlos Arnaldo, intitulada «Fertility and its Proximate Determinants in Mozambique». Este livro é a tradução em língua portuguesa, da tese de Doutoramento em Demografia, que o Autor concluiu em Fevereiro de 2003, na Universidade Nacional da Austrália (ANU).

Sem receio de incorrer em exageros, movido por um sentimento de simpatia exterior à qualidade da obra, posso antecipar para o início o fundamental da avaliação deste livro. Noutras circunstâncias, seria melhor explicar primeiro e deixar a avaliação conclusiva para o fim. Mas, neste caso, este livro é daqueles que têm a seu favor uma característica rara. É pioneiro, no seu ramo de investigação aplicada, por múltiplos motivos, tais como profundidade, abrangência, rigor e qualidade no estudo de um dos componentes mais importantes da dinâmica da população em Moçambique.

Admitindo que esta avaliação suscite alguma suspeita sobre a sua imparcialidade, não será de mais recordar uma passagem de um dos examinadores anónimos, quando o trabalho ainda se encontrava em processo de examinação. Traduzo para português um parágrafo do relatório em inglês desse examinador:

Antes desta tese, o conhecimento da fecundidade em Moçambique ou era fragmentado, pois as pesquisas anteriores careciam de cobertura nacional e suficiente sistematização dos dados disponíveis ou, nos casos em que existiam estimativas dos níveis de fecundidade, eram estimativas incertas e inconsistentes, por se basearem em dados agregados pobres. Faltava-lhes uma análise aprofundada e sistemática dos níveis, tendências, variações dos determinantes e dos comportamentos da fecundidade. Esta tese providencia uma imagem abrangente da situação e comportamento da fecundidade em Moçambique, conseguindo-o, tal como demonstro nesta avaliação.

É justo acrescentar, no contexto em que este livro surge, que não pode ser considerado um dos melhores, nem mesmo o melhor, mas sim o único, por enquanto.

Aceitando o convite de Carlos Arnaldo para que prefaciasse o livro, a minha principal preocupação é não abusar do privilégio que me deu, indo além dos limites do que define um prefácio e o distingue de uma introdução ou de um simples sumário executivo.

O Autor tem consciência do valor da sua investigação, mas está longe de ser ingénuo e despreocupado. Ele sabe do efeito *boomerang* dos resultados agora divulgados, para um vasto público de expressão de língua portuguesa. Tanto o Autor como os especialistas e interessados na demografia de Moçambique irão sentir o retorno da crescente pressão para que produzam mais investigação com o padrão de elevada qualidade estabelecido pela tese que deu origem a este livro.

Sobre o tema do livro, considero pertinente comentar três questões: 1) Qual o significado dos resultados desta investigação para a compreensão dos determinantes da fecundidade na região a que Moçambique pertence, a África Sub-Saariana? 2) Quais os novos desafios científicos para a investigação da demografia de Moçambique? 3) Os decisores políticos e planificadores têm consciência, e estarão preparados, para as consequências e desafios que a transição demográfica irá impor ao desenvolvimento de Moçambique?

Sobre a primeira questão, o mérito principal desta investigação de Carlos Arnaldo foi ter colmatado uma lacuna que demorou várias décadas a ser superada. Desde a publicação em 1968 do livro intitulado «The demography of Tropical Africa» pela equipa liderada por William Brass, a investigação demográfica dos países de expressão oficial de língua portuguesa confrontou-se com sérias dificuldades para acompanhar o ritmo e qualidade da investigação em língua inglesa, na Região da África Austral.

À medida que os anos passavam, o atraso da investigação da demografia de Moçambique tornou-se problemático e embaraçador. Sempre que era preciso fazer um balanço da situação da fecundidade na África Sub-Saariana, Angola e Moçambique distinguiam-se pela ausência de informação actualizada e análises especializadas. Carlos Arnaldo identificou as excepções e incursões dignas de menção, mas foi muito mais longe do que isso.

É neste âmbito que se destaca o contributo da tese de doutoramento de Arnaldo, concluída há mais de quatro anos. Desde então, os demógrafos moçambicanos passaram a poder dialogar e interagir com os seus colegas da África Austral, em iguais circunstâncias e sem o embaraço de parecer que não faziam os seus «deveres de casa».

A importância deste avanço na demografia moçambicana pode ser melhor apreciada quando considerada no contexto da situação singular que África ocupa na arena demográfica mundial. No século XX, praticamente todas as grandes regiões continentais do mundo completaram a transição demográfica, tendo passado para um regime de novo-equilíbrio. Isto é, passaram de um regime demográfico próximo do equilíbrio, em

que a mortalidade e a fecundidade interagiam entre si a níveis elevados para um novo regime, em que a mortalidade e fecundidade apresentam baixos níveis. Esta transição constituiu uma das mudanças mais significativas na história reprodutiva da humanidade.

Porém, a África, como um todo, continua a ser uma excepção. Apenas alguns países (e.g. África do Sul, Botswana, Maurícias, e Tunísia) podem reivindicar e demonstrar uma diminuição sustentável da mortalidade e da fecundidade. No caso de Moçambique, como demonstra Arnaldo, a generalidade da população continua no estágio de pré-transição demográfica. Só a região sul do país apresenta evidências de redução persistente da fecundidade.

A segunda questão pertinente sobre o tema do livro diz respeito aos novos desafios da investigação da demografia de Moçambique. O sucesso ou insucesso de tal investigação irá depender da atitude dos especialistas e amadores para com a realidade demográfica e a própria ciência da população.

Como afirmou recentemente o escritor Mia Couto, vivemos num mundo em que grande parte da nossa energia é usada para enterrar o passado e falsificar o presente. Mas Couto esqueceu-se de acrescentar que existem excepções e que parte da energia é usada também para tentar evitar o futuro.

Em algumas áreas de investigação científica, neste caso da pesquisa demográfica, estão a emergir bons exemplos de esforços para resgatar o passado e reconstruí-lo de forma competente. Para a ciência da população, é mais difícil lidar com o presente, mas isto acontece por falta de dados, que se prestem à aplicação de técnicas directas, e não por receio de enfrentar o presente com coragem e honestidade. A prova disto é que, apesar das dificuldades metodológicas, a demografia providencia técnicas indirectas, capazes de irem para além das aparências, em busca das relações por debaixo das percepções quotidianas do senso comum.

Em 1980, Nathan Keyfitz ilustrou de forma pedagógica como as aparências da dinâmica da população induzem muitas vezes a percepções erróneas sobre a realidade demográfica. Aparentemente, Keyfitz inspirou-se numa frase interessante de Karl Marx sobre o papel da ciência na descoberta das relações, para além das aparências dos fenómenos: «Se o mundo fosse como o vemos através do senso comum, não haveria necessidade de ciência».

O desafio imediato da investigação demográfica em Moçambique é dar seguimento ao trabalho realizado em 2003 por Arnaldo, visto ele ter utilizado dados baseados em censos e inquéritos até 1997. Contudo, em 2004 divulgou-se os resultados do segundo Inquérito Demográfico de Saúde (IDS 2003). Dentro de poucos meses, irá realizar-se o Censo 2007.

Assim, estarão criadas condições, para se poder actualizar e aprofundar o conhecimento sobre as mudanças dos determinantes da fecundidade dos últimos dez anos.

A terceira e última questão diz respeito à consciência e preparação dos decisores políticos, governantes e planificadores, que desperdiçam energias, tentando evitar o futuro, negligenciando o impacto demográfico a longo prazo no desenvolvimento do País. Esta atitude nada tem a ver com o facto das línguas banto nacionais conceberem o futuro num horizonte circunscrito ao «amanhã». Existem maneiras eficazes de contornar tal miopia temporal e perspectivar as consequências de longo prazo da dinâmica populacional.

Moçambique integra o grupo de países mais subdesenvolvidos do mundo, com um crescimento natural anual médio na ordem dos 2%, uma mortalidade infantil elevada, elevadas percentagens de jovens, baixas percentagens de idosos e um produto nacional bruto *per capita* inferior a mil dólares americanos. As projecções actuais estimam que, em 2050, Moçambique poderá ter 40 milhões de habitantes, enquanto a África toda atingirá na mesma altura 1,7 mil milhões de pessoas. Se não aprendermos a lidar com as implicações do futuro, que se pode antecipar com razoável confiança, como lidar de forma competente com o imprevisível?

O governo moçambicano aprovou uma Política Nacional de População em 1999. Um dos objectivos principais desta política é alcançar uma taxa de crescimento da população economicamente sustentável. A tese de Carlos Arnaldo deveria ser aproveitada para uma reflexão profunda sobre a forma como as políticas com impacto populacional estão a ser implementadas. Adiar tal tipo de reflexão é no fundo uma forma de evitar pensar o futuro da população de Moçambique.

Felicito o Autor por ter optado em transformar a sua tese, tal e qual como a produziu, em livro. Sendo um trabalho de especialidade, existe o risco de alguns leitores se sentirem desencorajados a meio da leitura, por não terem beneficiado duma introdução à Demografia. De qualquer forma, a comunidade de estudiosos e activistas moçambicanos necessita de ser exposta a este tipo de referência de elevada qualidade analítica, metodológica e técnica.

Os moçambicanos só melhorarão substancialmente o seu País quando a todos os níveis da vida social e do trabalho deixarem de se congratular por conseguirem ser melhores do que os péssimos. Só os melhores e excelentes padrões internacionais merecem ser referência de emulação. Nesta perspectiva, para os especialistas e interessados na demografia moçambicana, o principal desafio é tentarmos superar o patamar de excelência em que Carlos Arnaldo colocou a investigação demográfica em Moçambique.

António A. da Silva Francisco
Maputo, 25 de Junho de 2004